

Arte anos 70: Nervo Óptico e Espaço N.O.

ANA ALBANI DE CARVALHO
Mestre em Artes Visuais/UFRGS

As décadas de sessenta e setenta no Brasil, constituem um período fértil para estudos sobre mudanças no campo cultural. Nestes anos, o mesmo projeto de desenvolvimento econômico que se configurava socialmente excludente e autoritário viabilizou, de forma aparentemente contraditória, um momento de grande realização e difusão de produtos na área cultural.

Para artistas e intelectuais, já não se tratava de almejar a uma modernidade eternamente postergada e, sim, produzir uma arte contemporânea de seu tempo, articulação no campo simbólico das radicais transformações por que passava a sociedade brasileira naquele período. Este processo decorreu do crescimento acentuado das cidades e de suas atividades típicas, entre as quais se insere a arte – na sua forma erudita –, historicamente associada ao desenvolvimento da cultura burguesa e urbana.

Pela primeira vez, nestes anos, é possível falar em um mercado de artes estruturado de forma profissional, não apenas no Rio e em São Paulo, mas também em cidades como Porto Alegre, que emergiam como pólos regionais. Por sua vez, o surgimento tardio deste mercado encontrou um terreno facilitado para sua atuação, tendo em conta a existência do que

vel excedente de produção: artistas e obras já consagrados em instâncias culturalmente legítimas e que, até então, não dispunham de uma estrutura de mercado para sua difusão. Assim, de modo geral, este mercado nascente não encontrou necessidade de realizar investimentos de risco.

A inexistência de veículos para divulgação de uma crítica de artes especializada e a crônica falta de verbas para as poucas instituições consideradas eminentemente culturais – inviabilizando iniciativas que exigissem maior fôlego financeiro, fossem eventos de cunho histórico ou investimentos na produção contemporânea – deslocava para o mercado uma função que, no entender de artistas e

intelectuais, não lhe caberia exercer, transformando-o em instância dominante, capaz de manipular a própria produção.

No campo cultural, assim como no econômico, ampliavam-se novos mercados mas não se instituíam fóruns de discussão sobre o impacto das transformações geradas pelos novos mecanismos de atuação. Assim, a ânsia de atualização convivía com a fragilidade das instituições em absorver o conflito gerado pelas novas rupturas no campo da estética e das novas funções propostas para a arte, em uma sociedade mediatizada pela comunicação de massa e por novas tecnologias para a geração de imagens.

No campo específico da produção em artes visuais, surge neste mesmo período uma gama de trabalhos criativos, cuja realização conduziu à discussão do que ainda poderia ser entendido como Arte, ou, qual seria a função desta classe de procedimentos – ditos artísticos – no contexto da sociedade contemporânea. Se há muito tempo a arte havia renunciado a função de imitar a natureza, agora ela recusava ver-se materializada em objetos – passíveis de serem reduzidos a mercadorias – ou restrita ao emprego de métodos artesanais.

Os artistas pretendi-



quetti, Clóvis Dariano. E também através de cursos com propostas inovadoras, como o realizados por Julio Plaza em 1971, reunindo grande número de jovens artistas locais, para experiências e atividades artísticas utilizando a cidade como suporte.

Na área institucional, a incorporação de novas linguagens ao campo artístico pode ser observada através de eventos como o Salão de Artes Visuais, de caráter nacional, promovido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em quatro edições – 1970, 1973, 1975 e 1977 –, valorizando trabalhos com instalações, proposições, fotografia e desenho, em detrimento de linguagens mais tradicionais.

Neste contexto a atuação de dois grupos – o *Nervo Óptico* e o Espaço N.O. –, constituem experiências significativas.

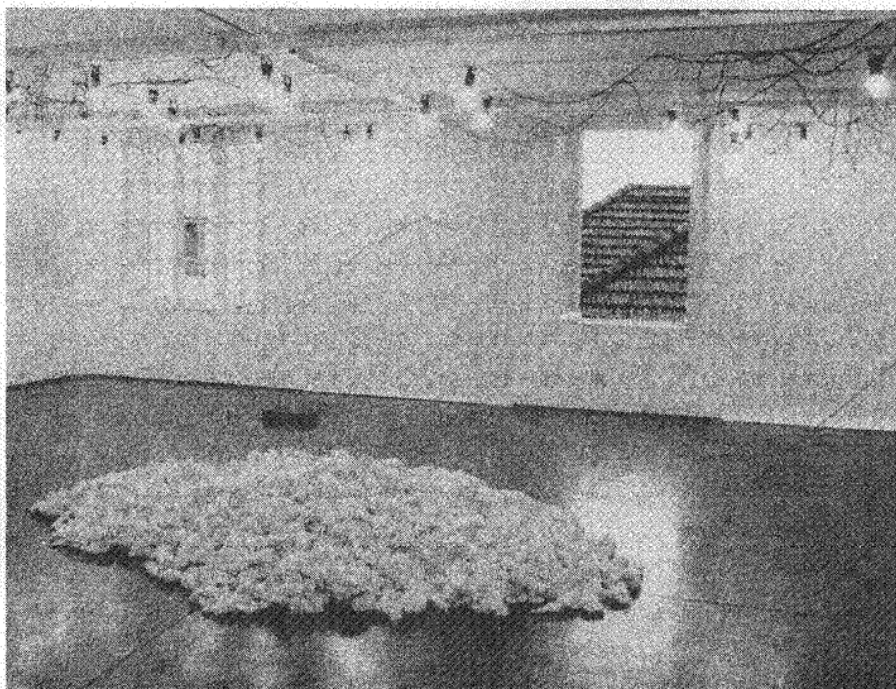
Os artistas que se reuniram em torno do *Nervo Óptico* e do Espaço N.O. procuraram desenvolver estratégias de veiculação e legitimação para uma produção – vinculada à noção de antiarte, arte como processo, trabalho com o efêmero, novos meios – que, segundo eles, não encontrava lugar no circuito existente. Trabalharam em torno de duas noções centrais: informação e intercâmbio cultural, as quais se revestem de particular importância quando inseridas no contexto histórico da arte no Rio Grande do Sul, onde é marcante a tendência – buscada ou não – de insulamento e auto-referencialidade.

Antecedentes e história

Em 1976, o grupo de artistas constituído por Carlos Asp, Carlos Pasquetti, Clóvis Dariano,

Jesus Escobar, Mara Alvares, Romanita Disconzi, Telmo Lanes e Vera Chaves Barcellos decide assumir um posicionamento crítico frente à política cultural adotada pelo Estado – a qual pretendia atrelar a cultura ao turismo – e às de-

mo Lanes e Vera Chaves Barcellos publicam o *Nervo Óptico*, cartazete destinado à veiculação de trabalhos em artes visuais, definido por seus idealizadores como "publicação aberta às novas poéticas visuais". O *Nervo Óptico* circulou em



Exposição de Jaime Bastian Pinto Jr. promovida pelo Espaço N.O. em novembro de 1980, intitulada "1.222.528".

terminações impostas pelo mercado à produção artística. Isto ocorreu através da divulgação de um manifesto através da imprensa e da realização de uma exposição-relâmpago no Museu de Arte, acompanhada de um debate com o público interessado.

Em janeiro de 1977, este mesmo grupo – com exceção de Jesus Escobar – realizou, em Alegre, uma mostra coletiva e uma atividade lúdico-criativa com o público. Esta exposição, como a anterior, apresentou trabalhos explorando a linguagem fotográfica, instalação e objeto.

Em abril de 1978, Asp, Dariano, Mara Alvares, Pasquetti, Tel-

treze edições, no Brasil e no exterior, entre abril de 1977 e setembro de 1978, distribuído gratuitamente. Realizaram, ainda, outras duas mostras coletivas: em novembro de 77, na galeria Eucatexpo, e em setembro de 78, na Pinacoteca do Instituto de Artes/Ufrgs.

Uma linha comum aos artistas vinculados ao *Nervo Óptico* está no emprego da imagem fotográfica como matriz para os trabalhos realizados, sejam eles registros de ações, *performances*, ambientes ou serigrafias, embora os artistas não se intitulassem fotógrafos. Desenvolveram, também, experiências com filme su-

per-8 e audiovisuais. A presença do humor e da irreverência aparece como traço distintivo em grande parte dos trabalhos.

Em outubro de 1979, surge o *Espaço N.O.* – Centro de Cultura Alternativo, resultado da con-

cht, Regina Coeli Rodrigues, Rogério Nazari, Milton Kurtz, Mario Rohnelt, Cris Vigiano; e por artistas ligados ao teatro experimental e à *performance*, como Carlos Wladmirski.

O *Espaço N.O.* tinha como

objetivo criar, em Porto Alegre, um espaço efetivo para arte chamada experimental/alternativa, realizando um trabalho de intercâmbio e informação através da promoção de eventos culturais com a participação de artistas de outros locais, para desenvolver trabalhos em equipe ou individuais. Tendo como sede um conjunto na Galeria Chaves, situada na zona central de Porto Alegre, seus organizadores pretendiam que o Espaço se sustentasse com verbas arrecadadas du-

rante cursos promovidos e com colaborações de sócios e não se constituísse em uma galeria comercial.

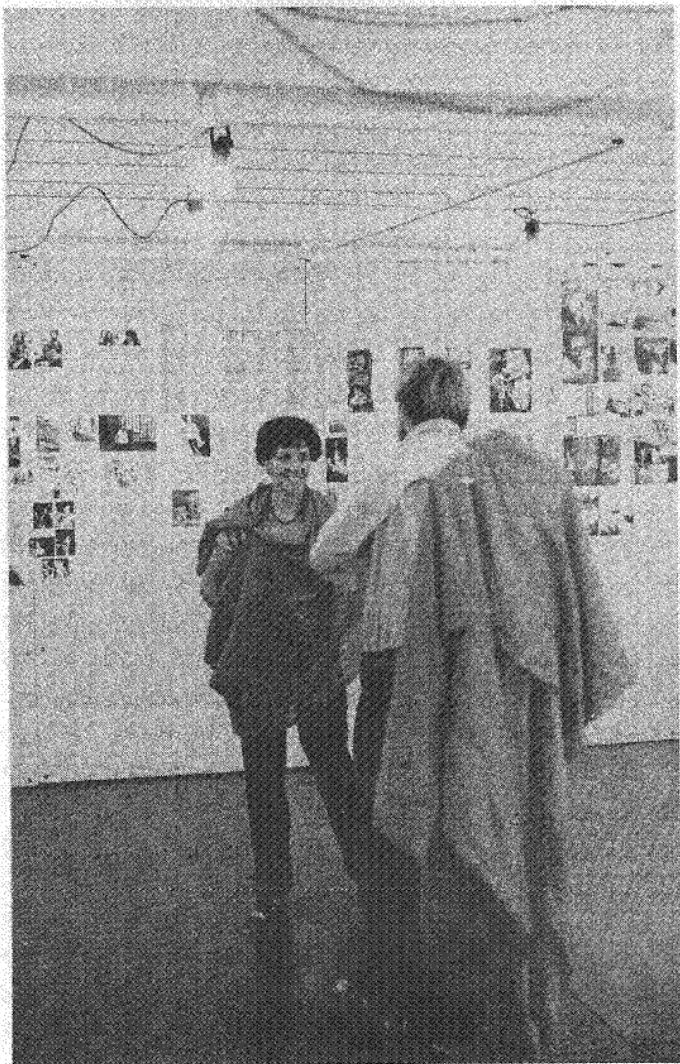
Sua atuação, entre 1979 e 1982, não se restringe ao campo das artes visuais, no qual promoveu dezenove mostras individuais e vinte e duas coletivas, entre as quais citamos Carmela Gross, Marcelo Nitsche, Regina Vater, Diana

Domingues, Eulália Grau, Mary Dritschel, Hélio Oiticica; obras de artistas brasileiros dos anos sessenta e setenta (coleção Rubens Knijnik), além de mostras dos artistas gaúchos organizadores do *N.O.* Como equipe, o grupo organizador do *Espaço N.O.* participou de eventos como a XVI Bienal de São Paulo, IV Salão Nacional de Artes Plásticas, promovido pelo Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e o XII Salão Nacional de Arte, em Belo Horizonte.

As exposições realizadas apresentavam distintas formas de investigação no uso das linguagens artísticas. Exploravam o emprego do xerox como forma de reprodução da imagem ou o uso de carimbos para sua realização. Propunham a vivência multissensorial da obra de arte através de instalações. Utilizavam materiais frágeis e efêmeros. Muitos trabalhos possuíam um caráter confessional e intimista.

O *Espaço N.O.* também promoveu debates sobre arte e cultura, como a palestra sobre arte latino-americana realizada por Aracy Amaral e o lançamento do livro *Arte na América-latina: do Transe ao Transitório*, de Frederico Moraes. Na área de música foram realizados cursos e apresentações, dirigidos por Celso Loureiro Chaves, Bruno Kiefer, Arthur Nestrowsky, entre outros. Dança, teatro, literatura e poesia também tiveram lugar no *Espaço N.O.*

A partir de suas atuações, *Nervo Óptico* e *Espaço N.O.* configuraram, em Porto Alegre, uma ampliação dos limites de seu campo artístico de articulação e maior sintonia com outros centros culturais, em um momento em que inexistiam outras instituições ou es-



Detalhe da mostra de Hélio Oiticica, uma das mostras promovidas no Espaço N.O.

fluência de grupos diversos, formados por remanescentes do *Nervo Óptico*, que pretendiam dar continuidade à experiência, como Vera Chaves Barcellos e Telmo Lane; por jovens artistas ligados à arte postal, como Ana Torrano, Heloisa Schneiders, Simone Basso, Karin Lambre-

paços especialmente destinadas ao apoio da produção artística de caráter experimental.

O encerramento das atividades do *Espaço N.O.*, assim como da publicação *Nervo Óptico*, decorreu de uma situação aparentemente contraditória. Considere-se, em primeiro lugar, o fato de que estas duas iniciativas nunca contaram com qualquer tipo de apoio oficial, recaindo todas as responsabilidades e custos sobre os próprios artistas organizadores. Continuar investindo nestas propostas significaria assumir uma posição de administrador/empresário cultural, relegando a atividade artística – verdadeira motivadora destes projetos – a um segundo plano.

Por sua vez, o início dos anos oitenta marca um período de aparente retorno aos suportes e aos espaços convencionalmente destinados à atividade artística. Aposta-se nas oportunidades oferecidas pelo mercado aos jovens artistas e no trabalho individual em detrimento do coletivo. As instituições culturais oficiais – museus, universidades – se propõem a assumir o papel de incentivadores da arte contemporânea e da pesquisa com novas linguagens e tecnologias. Porém, a produção dos anos sessenta e setenta, através de seu projeto de ruptura com a noção tradicional de objeto artístico e seu questionamento das possibilidades de definição para o que seja Arte, continua a representar uma indagação e um campo aberto de possibilidades para artistas, pesquisadores, críticos e público em geral. ⑥

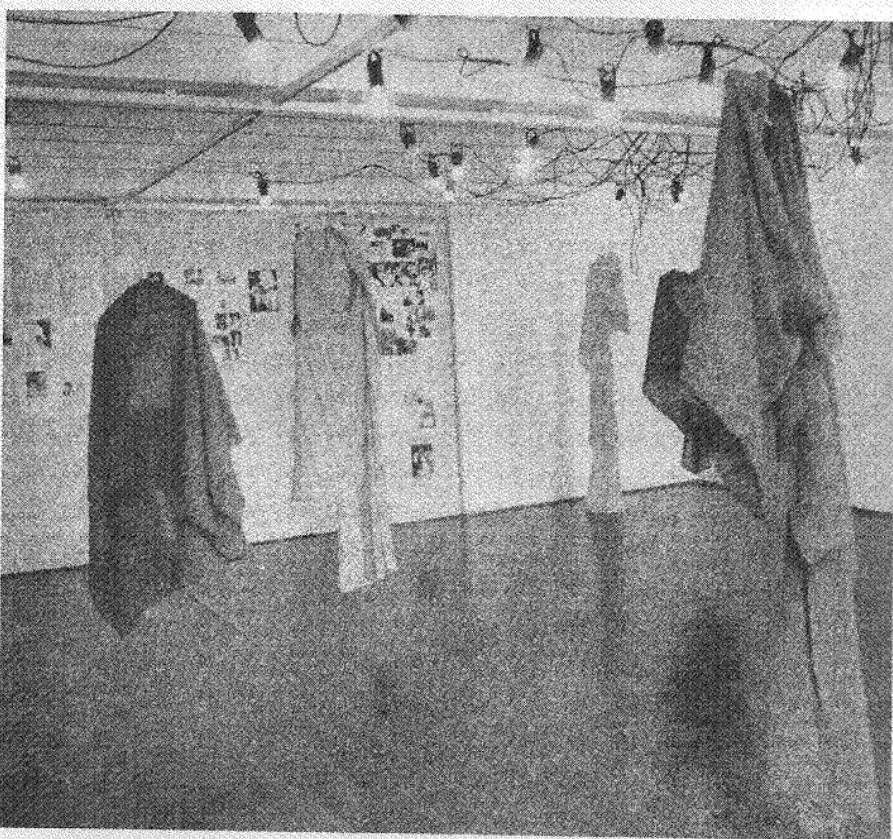
Referências Bibliográficas

ARANTES, Otilia Beatriz. *Vanguardas. Arte em Revista*, São Paulo, Centro de

Estudos de Arte Contemporânea. n° 7, p. 5-20, ago. 1983.

ANDERSON, Perry. *Modernidade e Revolução*. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, n° 14, pp. 2-15, fev. 1986.

BATTCKOCK, Gregory (ed.) *La Idea como Arte: Documentos sobre Arte Conceptual*. Barcelona, Gustavo Gili, 1977 (col. Punto y Línea).



Mostra de "Parangolés" de Hélio Oiticica na Sala Espaço N.O., março, 1981

BULHÕES, Maria Amélia. *Artes Plásticas: Participação e Distinção – Brasil anos 60/70*. São Paulo, 1990. Tese (Doutorado em História Social) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP.

CALABRESE, Omar. *A Idade Neobarroca*. Lisboa, Edições 70, 1988.

CELANT, Germano (ed.) *Art Povera: Conceptual, Actual or Impossible Art?* London, Studio Vista London, c. 1969.

DUBOIS, Philippe. *El Acto Fotográfico: De la representación a la recepción*. Barcelona, Paidós, 1986.

ESPAÇO N.O. Espaço N.O.: Eventos e Artistas Atuentes: 1979-1982. Porto Alegre, ago. 1982, catálogo.

GLUSBERG, Jorge. *A Arte da Performance*. São Paulo, Perspectiva,

1987.

HUYSSSEN, Andreas. En busca de la tradición: vanguardia y postmodernismo em los años 70. In Picó, Josep (org.) *Modernidad y Postmodernidad*. Madrid, Alianza, 1988. p. 141-164.

PECCININI, Daisy. (org.) *Objeto na Arte. Brasil anos 60*. São Paulo, FAAP, 1978.

..... (org.) *Arte Novos*

Meios Multimeios: Brasil anos 70/80. Fundação Armando Alvares Penteado, 1985.

POPPER, Frank. *Art, Action et Participation I: Le Déclin de l'Objet*. Paris, Chêne, 1975.

SAYRE, Henry M. *The Object of Performance: The American Avant-Garde since 1970*. Chicago, University of Chicago Press, 1989.

A partir da página 31 desta edição, aproveitamos para publicar vários trabalhos atuais dos artistas que, nos anos 70/80, participaram das propostas *Nervo Óptico* e *Espaço N.O.*